



Afinal, o que é cinema *trash*? A experiência do cineclube Cinema Aberto, da Faculdade de Comunicação da UFJF, em Juiz de Fora - MG¹

Ingrid Hannah Salame da SILVA²

Marina Alvarenga BOTELHO³

Nilson ALVARENGA⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo: O presente artigo busca analisar a existência do *trash* no âmbito cinematográfico a partir da experiência do cineclube Cinema Aberto “Afinal, o que é cinema *trash*?”. O texto faz uma revisão dos antecedentes teóricos que trabalham com a conceituação do *trash* como gênero, estilo e estética no âmbito audiovisual e analisa sua presença nos filmes *À Meia-Noite Levarei sua Alma* (José Mojica, 1964); *Fome Animal* (Peter Jackson, 1992); *Mangue Negro* (Rodrigo Aragão, 2005); *Monty Phyton em Busca do Cálice Sagrado* (Terry Gilliam e Terry Jones, 1975); *Planeta Terror* (Robert Rodriguez, 2007) e *Plano 9 do Espaço Sideral* (Ed Wood, 1959).

Palavras-chave: cinema de bordas; gênero cinematográfico; estética; estilo ; *trash*.

1 – Introdução

O Cinema Aberto – Sessões de Cinema é um projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial (PET/Mec/SESu) da Faculdade de Comunicação da UFJF. O projeto tem como objetivo principal a prática cineclubista amadora, sendo que a cada semestre uma temática diferente é escolhida e assim são exibidos filmes e feitas discussões com os participantes. O projeto existe desde o primeiro semestre de 2010 e já abordou os seguintes temas: “Road Movies – As grandes histórias que aconteceram nas estradas” e “Originais versus remakes”. Normalmente, dois bolsistas são responsáveis

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação . 7º semestre do Curso de Jornalismo da Facom-MG , email: hannahsalame@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação . 10º semestre do Curso de Jornalismo da Facom-MG, email: inabotelho@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Facom-MG, email: nilsonaa@terra.com.br



por todo o desenvolvimento do projeto – ideia, pesquisa, divulgação, exibição e discussões. Além disso, possui um blog www.cinemaaberto.blogspot.com, no qual são postados textos resumindo o que foi discutido a cada dia de exibição.

Esse artigo surge a partir da pesquisa efetuada para o tema escolhido para o primeiro semestre de 2011: filmes *trash*. Durante o momento da pesquisa, duas situações foram cruciais: a pesquisa bibliográfica brasileira (ou em português) é muito escassa, tendo sido encontrados menos de cinco autores; a pesquisa “oral”⁴ demonstrou que os conceitos difundidos de “cinema *trash*” são muito vagos e muito divergentes entre si, mesmo no próprio meio acadêmico.

Algumas das respostas obtidas descreveram filmes *trash* como “filmes de zumbi”, “filmes toscos”, “filmes de terror”, “filmes amadores encontrados no you tube”. Assim, o projeto de extensão teve como objetivo principal, escolhendo diferentes filmes considerados *trash* (por diferentes motivos), buscar parâmetros e mapear características a fim de construir para efeito didático um conceito (ou conceitos) do que é entendido como cinema *trash*.

De acordo com o calendário acadêmico ficou estabelecido que seriam exibidos seis filmes entre os meses de abril e junho. São eles: “Plano 9 do Espaço Sideral” (Ed Wood, 1959), “À Meia-Noite Levarei sua Alma” (José Mojica, 1964), “Fome Animal” (Peter Jackson, 1992), “Monty Phytton em Busca do Cálice Sagrado” (Monty Phytton, 1975), “Mangue Negro” (Rodrigo Aragão, 2005) e “Planeta Terror” (Robert Rodriguez, 2007).

1.1 - Sobre o projeto: sua importância; relação aprendizagem; cineclubismo.

Os movimentos de cineclubes surgiram por volta dos anos 1920 em todo o mundo. Ao perceber a importância do público para o cinema, para pensar, discutir e trocar idéias sobre os filmes, os cineclubes passaram a ser peças-chave para a história do cinema. Movimentos como a Nouvelle Vague, por exemplo, tiveram o cineclubes como uma das principais ferramentas para criar, inovar e fazer um “novo cinema”.

Hoje, com o gradual afastamento do público das salas de cinema e a facilidade de se obter filmes pela internet, a ação social *ir ao cinema* e, conseqüentemente, debater os filmes assistidos, se tornam cada vez mais escassas. Além disso, a hegemonia



do cinema norte americano, deixa pouco espaço para conhecer a arte cinematográfica para além do entretenimento e lazer.

Atualmente, os cineclubes são organizados em federações e conselhos por todo o mundo, e se prestam a resgatar esse espaço de reunir pessoas com objetivos comuns: difundir, pensar e discutir cinema. Segundo o dicionário Aurélio cineclube é “entidade onde se congregam amadores de cinema para estudar-lhe a técnica e a história”. Mas, para além disso, e como uma atividade de extensão universitária, o cineclube Cinema Aberto visa aprofundar as discussões sobre a sétima arte, estudando sua história, linguagem e estética, sendo aberta à toda comunidade. Forma-se aí um importante espaço de fomento à atividades culturais e criador de novos olhares.

2 - Gênero, Estética e Estilo *trash*

Analisando a bibliografia a respeito do cinema *trash* é comum a utilização de diferentes termos para denominar um mesmo conjunto de características. Fala-se na existência de um gênero *trash*, uma estética *trash* e um estilo *trash*. Contudo, tais conceitos são pouco definidos e se confundem frequentemente. Desse modo é importante caracterizar gênero, estética e estilo cinematográficos.

Gênero cinematográfico surge na indústria do cinema hollywoodiano. O filme de gênero é o produto dessa indústria, e seus estudos, como esclarece Warren Buckland (1998) “privilegiam o lugar de um filme de acordo com convenções pré-existentes.”

Entendidos pelo senso comum, o gênero cinematográfico, como Sarah Berry-Flint acrescenta: “são formas de se agrupar filmes por estilo e história; [...] gêneros oferecem aos consumidores referência para escolherem entre os filmes e ajudam a indicar o tipo de audiência para qual um filme em particular foi feito.” (BERRY-FLINT, 1999, p. 25).

Em outras palavras, gêneros são repetições de estilos e convenções já formuladas, que nascem, principalmente na indústria do cinema hollywoodiano. É importante ressaltar, no entanto, que os gêneros são híbridos desde sua “criação”. Por serem uma solução encontrada na época dos grandes estúdios norte americanos, que precisavam, ao mesmo tempo, manter os elementos de gênero e trazer inovações para os filmes:

o mesmo ímpeto que chamava pela criação de diferentes gêneros também assegurava, no nascedouro, algum nível de hibridismo entre eles, já que os gêneros de Hollywood tinham que enfrentar a mesma contradição entre apresentar para o público/consumidores uma narrativa sobre as dificuldades em suas vidas, e a necessidade de se evitar qualquer solução radical fora do sistema capitalista. (BERRY-FLINT, 1999, p. 26).

Nesse sentido, fica difícil, portanto, falar em um gênero *trash*, pois muitas vezes ele não é o gênero predominante nos filmes. É possível perceber, no entanto, que existem sim filmes tidos como *trash*. Fato é que muitos filmes se utilizam dos recursos e convenções dele, que possuem nicho próprio e surgem com o objetivo de se aproximarem dessa classificação. Deriva dessa situação uma das maiores confusões acerca de categorizar ou não um filme como *trash*.

De acordo com o “Dicionário teórico e crítico de cinema” de Jacques Aumont e Michel Marie (2006) a palavra estética surgiu por volta de 1750 e refere-se ao estudo das sensações provocadas pela arte.

Não existe propriamente uma estética cinematográfica, mas ela tem sido empregada para designar o cinema como arte, com linguagem própria, dotado da possibilidade de ser feito em escala industrial (de massa) e que contém especificidades – “diz respeito a alguns traços fundamentais, estudados, no mais das vezes de pontos de vista bem diferente: o movimento, a mobilidade do ponto de vista, a sequência e a montagem”. (AUMONT, 2006, p.109).

Ainda, segundo Jacques Aumont e Michel Marie, estilo é:

A parte de expressão deixada à liberdade de cada um, não diretamente imposto pelas normas, pelas regras de uso. É a maneira de se expressar própria a uma pessoa, a um grupo, a um tipo de discurso. É também o conjunto de características singulares de uma obra de arte, que permitem aproximá-la de outras obras para compará-la ou opô-la. (AUMONT, 2006, p.109)

Tendo sido definidos os termos gênero, estética e estilo, partiremos para a análise da bibliografia encontrada a respeito do cinema *trash*.

3 - Breves apontamentos sobre a Bibliografia do *trash*

O artigo ““Quero ser José Mojica”: o circuito de produção *trash* independente”, de Mayka Castellano, trabalha comparando a história do cineasta José Mojica com os



circuitos de produções *trash* independentes atuais brasileiras. A importância de José Mojica para a influência dos que hoje produzem esse tipo de filme é inegável.

Mayka considera que um produto “pode ser considerado *trash* devido ao seu amadorismo ou ao fato de ser considerado “horível”, o que passa por julgamento estético” (CASTELLANO, 2009, p.1). Com a crescente produção independente e a consolidação do nicho de fãs do *trash*, esse tipo de cinema passa a sofrer alterações com a evolução de técnicas e facilidade de recursos. “A conceituação *trash* passará, cada vez mais, por questões que envolvem roteiro, a performance dos atores, e a própria temática das produções, muito mais que questões técnicas”. (CASTELLANO, 2009, p.5). Percebe-se, portanto, que o *trash* vai consolidando seu lugar e suas próprias características, quase como elementos de uma linguagem própria.

Para Mayka, outra coisa que salta aos olhos na facilidade de se produzir *trash*, além da crescente facilidade de acesso aos meios de produção com o cinema digital, é que o *trash* propicia a iniciativa amadora:

Se, em vez de filmes *trash*, ele quisesse fazer uma novela, um épico, um documentário, poderia esbarrar em uma série de restrições de lugar, dinheiro, incentivo, mas quando já se parte da ideia de fazer algo ruim, a chance do projeto falhar é muito pequena [...] A escassez de recursos financeiros aliada à liberdade de criação de quem não se guia pela arte séria e não teme críticas negativas pode proporcionar elaborações experimentais muito interessantes, situação que ocorria no processo criativo de filmes B de outrora. (CASTELLANO, 2009, p.7).

No artigo “O *trash* invadiu o mainstream: como a interatividade leva diariamente o lixo às nossas casas” Mayca Castellano (2010) discorre sobre a crescente tendência dos meios de comunicação em investir na interatividade. Com enfoque na televisão aberta brasileira, ela analisa como os programas têm cedido espaço aos vídeos caseiros e de que forma eles geralmente são associados à cultura *trash*.

Ainda segundo a autora, grande parte dos vídeos caseiros divulgados por programas como Fantástico e Domingão do Faustão da Rede Globo circulam pela internet através de sites como o YouTube. São vídeos bastante divulgados que fazem surgir inúmeras versões paródicas de si e que caracterizam o que Felinto (2007) chama de “cultura do spoof”. Tais produtos audiovisuais têm pouca qualidade técnica, tendem ao nonsense, ao ridículo e muitos de seus realizadores não têm sérias pretensões artísticas – elementos *trash*.



Um produto pode ser considerado *trash* devido ao seu amadorismo ou ao fato de ser considerado “horível”, o que passa por um julgamento estético. Normalmente, tornam-se engraçados através de uma peculiaridade, amiúde associada à má-qualidade técnica ou à discrepância das normas do “bom gosto”. (CASTELLANO, 2010, p.2)

A produção dos vídeos caseiros tem aumentado significativamente por causa da crescente oferta de celulares, máquinas fotográficas e computadores com filmadoras/webcams. Sendo assim mais pessoas têm acesso aos meios de realização e divulgação de vídeos o que, entre outras coisas, faz surgir inúmeros produtos com qualidade contestada e que sofrem julgamentos preconceituosos por não se enquadrarem na estética dos filmes mainstream, mas que hoje encontram um público específico– os “adoradores do *trash*”.

A grande maioria dos passos dados para fora dos padrões é em direção à excentricidade que, ao invés de modificar toda a cultura ao redor com sua força, transforma o responsável em curiosidade, bizarrice ou piada para as gerações futuras. E esta é a própria essência do *trash*: o estranho e o incomum, que não foi absorvido devidamente. Ou mesmo o que esteve inserido na cultura mainstream da época, mas que foi regurgitada e expulsa pela ação do tempo. É um cinema que atrai pela própria incapacidade de se adequar ao normal ou de forçar o normal a se adequar a ele. (VIDIGAL, 2008, p.19-20)

Bernadete Lyra (2009) afirma que dentro da categoria cinema de Bordas existem três principais eixos de produção audiovisual. O primeiro deles diz respeito aos filmes realizados de acordo com os padrões estabelecidos pelo Cinema Industrial, que visam atender ao público e por isso têm linguagem “popularesca” – seriam eles os filmes dos Trapalhões, da Xuxa. O segundo eixo corresponde às realizações cinematográficas que são feitas para ir de encontro aos modelos instituídos do cinema; seriam filmes realizados por pessoas que compreendem as técnicas do fazer audiovisual e procuram realizar filmes “contra a corrente”, subculturais.

O terceiro eixo inclui os realizadores autodidatas que fazem filmes com os recursos disponíveis nas suas comunidades a respeito de temas e estilos que já viram intermediados pelos meios audiovisuais. É um cinema feito através da reciclagem de conteúdos e materiais; reaproveitado de maneira caótica através de diversos tipos de fragmentos. “Em geral, nesse tipo de filme, os realizadores escrevem, roteirizam (quando há um roteiro), produzem, dirigem e ainda atuam” (LYRA, 2009, p.42)



Apesar de terem sido diferenciados, os três tipos de cinema de Bordas apresentam diversas características em comum, ou seja, são divisões híbridas – com elementos que se assemelham ao conceito de paracinema que envolve uma série de produções que ocorrem em um circuito paralelo ao do cinema de mainstream. “O universo do paracinema pode ser visto como um campo, um lugar de abrigo de certas produções capazes de provocar uma sensibilidade esteticamente determinada e que tem seu fundamento em noções do kitsch, *trash*, camp, entre outros”. (LYRA, 2009, p.36).

Sendo assim é possível estudarmos o *trash* como um estilo que perpassa uma série de classificações. Os conceitos de paracinema, cinema independente, cinema de bordas frequentemente poderão denominar filmes que contenham elementos *trash*, ou seja, que pressupõem um julgamento estético – são filmes que contêm “lixo cultural”.

4 - Os filmes exibidos

4.1 - Plano 9 do Espaço Sideral

O filme “Plano 9 do Espaço Sideral”(1956) do diretor Ed Wood foi escolhido para fazer parte do “Cinema Aberto” por apresentar descontinuidade narrativa, elementos cômicos que tendem ao absurdo, cenários precários e ter sido realizado com poucos recursos, características comumente associadas ao *trash*. Plano 9 é o “maior fenômeno do cinema *trash* mundial de todos os tempos”. (VIDIGAL, 2008, p.19)

Conta a história de extraterrestres que tentam dominar a Terra. A fim de conquistar esse objetivo eles criam uma arma capaz de ressuscitar os mortos - o que faz com que a maioria do enredo se passe em um cemitério. As cenas feitas nesse local mostram perseguições que ocorrem ao mesmo tempo durante o dia e à noite, provocando uma incoerência narrativa que tende ao cômico devido à falta de sentido (nonsense).

O ator Bela Lugosi, que interpreta um dos “zumbis”, morreu antes de serem finalizadas as gravações do filme. A solução encontrada pelo diretor foi a de reaproveitar as cenas feitas por Lugosi e utilizar um ator substituto (visivelmente mais alto e mais novo). Da mesma maneira os fios que prendem os discos voadores aparecem em cena constantemente, os cenários são mal feitos, os atores não são profissionais e a trilha sonora é desconexa provocando um anticlímax em cenas potencialmente tensas.



Tais características se enquadram na definição dos filmes *trash* – aquilo que é lixo por não se enquadrar em um perfil estético dominante.

4.2 – Em Busca do Cálice Sagrado

O filme “Em Busca do Cálice Sagrado” é mais um na saga da produção de humor nonsense do grupo britânico Monty Python. Juntos desde 1969, o grupo possuía um programa de televisão chamado “Monty Python and The Flying Circus” que apresentava, a cada semana, um novo episódio cheio de esquetes, sempre com esse humor absurdo peculiar a eles. Mas não só de série de TV foi a carreira do grupo. Lançaram filmes, programas de rádio e tiveram a fama projetada por todo o mundo.

Dentre os filmes que fizeram grande sucesso está o “Em Busca do Cálice Sagrado”, de 1975. Pela própria história do grupo é pressuposto que esse não é um filme “sério”. Não tem pretensões de prêmios e muito menos de ser uma superprodução.

O filme foi escolhido para a mostra por sair um pouco do gênero terror e horror. É uma comédia que aposta em outros elementos, sem deixar de ter seus toques que a caracterizam como *trash*.

A história do filme se resume a uma sátira à história do Rei Arthur e às buscas ao Santo Graal. Um humor já muito diferente da indústria cinematográfica hollywoodiana, menos clichê, mais cheio de referências intelectuais e completamente nonsense. Por isso, menos consumido pela audiência comum. Durante todo o filme ocorre a explicitação dos baixos recursos, como por exemplo, no uso do mesmo castelo para diferentes ocasiões, a repetição dos atores para diferentes papéis (característica derivada do próprio grupo, que já utilizava esse recurso nos programas de televisão), a utilização de animação, e o próprio final do filme, em que ocorre a explicitação da produção filmica e que somente acabou dessa forma por falta de recursos para finalização.

4.3 – À Meia Noite Levarei Sua Alma

“À Meia Noite Levarei Sua Alma”, de José Mojica, é o primeiro filme em que aparece o personagem Zé do Caixão, considerado por muitos o “Drácula brasileiro”.



Para falar do filme é inevitável fazer um breve resumo da vida de José Mojica e entender a sua importância para o cinema *trash* e brasileiro.

José Mojica era filho do gerente de um cinema no Rio de Janeiro, e desde criança tinha contato com a arte cinematográfica. Tendo iniciado produções amadoras desde cedo, pôde projetar algumas de suas produções nesse cinema e acabou abrindo uma empresa cinematográfica.

Por todo seu trajeto, o primeiro filme da trilogia com o personagem Zé do Caixão acabou fazendo mais sucesso fora do que dentro do país. Reconhecido pela sua produção de baixo orçamento, o filme aposta na explicitação de elementos de terror e em história que subverte preceitos católicos e morais tradicionais da sociedade. Por isso a escolha do filme, que é de grande importância para os circuitos de produção independente brasileiros, principalmente do gênero terror.

4.4 – Fome Animal

Longe de ter alguma semelhança com os novos trabalhos do diretor Peter Jackson, o Fome Animal, ou Braindead é um daqueles filmes *trash* de literalmente virar o estômago. As apostas do então amador diretor e seus amigos é em muito sangue de porco, vísceras humanas, zumbis e ainda um romance como pano de fundo para a trama.

O filme foi escolhido por ser bem “cru” no que se refere ao *trash*. Pode-se perceber uma qualidade técnica na direção, na produção e nas atuações maior que outros filmes exibidos na mostra. É um filme que até certo ponto de pretende um *trash* sério. E para isso, enfatiza os elementos considerados mais *trash*. A história se passa em uma pequena cidade da Nova Zelândia. Um homem em seus 20 poucos anos ainda mora com sua mãe e se apaixona por uma mocinha. Sua mãe acaba sendo mordida por um macaco-rato monstro e se torna um zumbi. Várias outras pessoas passam a ser infectadas, e tudo vira uma grande festa dos zumbis. Fulano e cicrana tentam sobreviver e ficar juntos.

Um roteiro que não foge muito de outras histórias de zumbis, mas que pela boa direção e explicitação de elementos nojentos que afetam o espectador, acaba por ser uma produção realmente bem difícil de engolir e inegavelmente *trash*.

4.5 – Mangue Negro

“Mangue Negro” (2008) de Rodrigo Aragão foi selecionado para ser exibido na mostra “O que é Cinema *trash*?” por ser representante do estilo no Brasil. O filme se passa em um manguezal de onde surgem zumbis que começam a atacar os moradores da cercania. Luís e Raquel, os protagonistas, se apaixonam enquanto tentam sobreviver às perseguições.

No contexto de um cinema de difícil inserção comercial e mesmo sustentabilidade, o personagem do zumbi parece servir perfeitamente aos propósitos "de guerrilha" de alguns jovens realizadores independentes brasileiros. Um personagem impessoal, teleguiado, que prescinde de maquiagem ou caracterização sofisticada, de fácil manipulação e inserção em qualquer cenário. E de grande afinidade em relação ao conteúdo de novas mídias como o videogame ou a internet. (SUPPIA, 2010, p.65)

As cenas de corpos se decompondo, personagens cobertos de sangue, mutilação de órgãos (frequentemente exibidas) tendem ao exagero e por muitas vezes tornam-se cômicas por tenderem ao absurdo.

Filme de caráter autoral em que Aragão é diretor, roteirista, maquiador e editor, “Mangue Negro” foi feito com os recursos financeiros do mesmo, inclusive a locação utilizada faz parte do terreno onde ele mora. Aproximando-o da definição feita por Lyra (2009) do cinema de Bordas.

4.6 – Planeta Terror

“Planeta Terror” (2007) de Robert Rodriguez foi o último filme da mostra “O que é cinema *trash*?” e é uma homenagem do diretor aos filmes exibidos nas Grindhouses – de ficção científica, terror, filmes B - nos Estados Unidos, sobretudo nas décadas de 1970 e 80. É sobre a criação de um gás tóxico que transforma milhares de pessoas em zumbis. Grande parte dos atores que trabalharam no filme são conhecidos mundialmente - Josh Brolin, Bruce Willis, Fergie, Marley Shelton.

Apesar de conter elementos *trash*, “Planeta Terror” aproxima-se mais dos filmes Exploitation que, como o termo se refere, exploram temas sensacionalistas, como sexualidade, violência, doenças – e seus efeitos bizarros.



5 - Considerações Finais

No presente artigo, buscou-se analisar, tomando como base a experiência do cineclube Cinema Aberto “O que é Cinema *trash*?”, o que é considerado cinema *trash*, de acordo com a bibliografia existente a respeito da presença do mesmo nas produções cinematográficas.

O conceito *trash* é comumente aplicado para definir estilo, estética e gênero próprios. A existência de elementos *trash* é mais fácil de ser identificada. Características como baixo orçamento, horror e sangue excessivos com tom jocoso; atuação, roteiro e técnica não profissionais podem caracterizar o que chamamos de *trash*.

Contudo pensar nele como sendo um gênero significa pensar em uma série de filmes com características híbridas que perpassam diversos outros tipos de gêneros – como o terror, suspense, e inclusive a comédia.

O avanço das tecnologias e o barateamento dos custos na produção de filmes tem modificado significativamente o fazer cinematográfico. Assim como a percepção por parte dos espectadores muda.

Caracterizar um filme como sendo *trash*/ lixo, pode não apenas significar que ele é mal feito ou ruim, mas pode significar que ele não se enquadra no perfil dominante dos filmes difundidos para inúmeros espectadores – o cinema mainstream.

Através do presente artigo é possível apontarmos que a análise da cultura do *trash* sob a perspectiva dos estudos de narrativa e técnicas cinematográficas é ainda insuficiente para traçar uma conceituação completa do termo. A cultura *trash* se estende para um campo extracinematográfico, portanto, em continuidade a esse trabalho, seria interessante uma abordagem do tema a partir de teorias que prescindam essa linguagem. Uma das possibilidades de análise é partir do campo das teorias do pós-moderno, – que analisa as diferentes manifestações culturais advindas de uma sociedade multimidiática, eletrônica e informacional e no qual o cinema também está inserido – através de ideias difundidas por autores como Linda Hutcheon e Fredric Jameson.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques, MARIE, Michel. Dicionário Teórico e Crítico do Cinema. Campinas: Papyrus, 2009.



BERRY-FLINT, Sarah. Genre. In MILLER, Toby e STAM, Robert (eds.). A companion to film theory. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 199, pp. 25-44.

BUCKLAND, Warren. Film studies. London: Hodden & Stoughton, 1998.

BUSCOMBE, Edward. A idéia de gênero no cinema americano. In. RAMOS, Fernão (org.), Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional, vol 2. São Paulo: Senac, 2005, pp. 303-318.

CASTELLANO, Mayka. “Quero ser José Mojica”: o circuito de produção *trash* independente. Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Rio de Janeiro, 2009.

CASTELLANO, Mayka. Reciclando o lixo cultural: uma análise sobre o consumo *trash* entre os jovens. Anais do XXX Intercom. Santos. (2007).

CASTELLANO, Mayka (2007). Lixo é coisa de homem? As questões de gênero na subcultura cinematográfica do *trash*. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008.

LYRA, Bernadette. Cinema periférico de bordas. Comunicação Mídia e Consumo, São Paulo, 2009.

VIDIGAL, Maria Leticia Caetano. Cult versus *trash* - Quentin Tarantino em análise: Pulp Fiction, Jackie Brown e Kill Bill. Belo Horizonte, 2008.

SUPPIA, Alfredo. Os caçadores de filmes invisíveis. Cienc. Cult., São Paulo, v.60, n.2, 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000200026&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 de Julho de 2011.

SUPPIA, Alfredo. Curta-metragem: realizador brasileiro adere ao cinema de zumbis. Cienc.Cult.. 2010, v. 62, n. 1, p. 63-65. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000100025&lng=en&nrm=iso>.ISSN 0009-6725. Acesso em: 10 de julho de 2011

Filmografia

À Meia-Noite Levarei sua Alma (José Mojica, 1964)

Fome Animal (Peter Jackson, 1992)

Mangue Negro (Rodrigo Aragão, 2005)

Monty Phyton em Busca do Cálice Sagrado (Terry Gilliam e Terry Jones, 1975)

Planeta Terror (Robert Rodriguez, 2007).

Plano 9 do Espaço Sideral (Ed Wood, 1959)